

ATELIER DE FANTOCHES: COSTURANDO MEMÓRIAS

DAYANNA MICHELLE CAÑON PEREZ¹; GISELLE MOLON CECCHINI²; NÁDIA DA CRUZ SENNA³

¹Universidade Federal de Pelotas – *dayis.canon.123@gmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas – *giselle.cecchini@ufpel.edu.br*

³Universidade Federal de Pelotas – *alecrins@uol.com.br*

1. INTRODUÇÃO

O trabalho contempla a experiência *Atelier de fantoches: costurando memórias*, desenvolvida com a população refugiada nas locações do campus Visconde da Graça do Instituto Federal Sul Riograndense, por conta da calamidade climática ocorrida em maio de 2024. A ação foi promovida pelo Núcleo de Teatro da Universidade Federal de Pelotas, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Giselle Cecchini, com a colaboração de discentes de graduação em Teatro e Letras. A oficina teve como objetivo a prática com fantoches, envolvendo a construção dos bonecos, sua manipulação e a produção de narrativas. Interessa ao grupo observar e avaliar o fantoche como instrumento ativador de memórias, imaginação e expressão dos participantes, incentivando o relato das histórias de vida.

Os fantoches apresentam um caráter interdisciplinar que envolve todo o processo de criação com as diferentes linguagens artísticas. Essa característica favorece processos de ensino/aprendizagem, pois estimulam o fazer com diferentes materiais, ativam imaginários e promovem a expressão, impactando contextos acadêmicos, que alcançam a vida cotidiana.

Elegemos os fantoches para as oficinas com os grupos vulneráveis também pelos aspectos lúdico e sensível que a prática aciona. Nossa intenção foi instaurar um fazer que conta com a contribuição de todos, que acolhe e conforta. Esse viés segue as práticas e pensamentos de Paulo Freire e Bell Hooks.

2. METODOLOGIA

O trabalho nas oficinas buscou instaurar processos de formação poética e estética, pautado na educação do sensível, proporcionando um espaço onde os participantes se sentiram à vontade para conversar e criar diálogos. Pensando o papel do artista-educador que não impõe um conhecimento, mas abre caminhos para ouvir os contextos e as vivências dos participantes, percebemos que eles não se sentiam mais como espectadores, mas sim como protagonistas do seu processo de aprendizagem e formação (Santos, 2024).

A metodologia é própria da pesquisa que envolve processos de formação, compreendendo práticas e narrativas que se retroalimentam ao longo do processo, em busca de um conhecimento que vai sendo tecido pelas vias do afeto, pelo encontro com a arte, e que estabelece conexões com as histórias de vida, por meio das narrativas. Este trabalho integra uma pesquisa maior, sob orientação da Prof^a. Dr^a. Nádia Senna, desenvolvida junto ao mestrado em Artes da UFPEL, cuja investigação aborda processos poéticos e pedagógicos de mulheres artistas bonequeiras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As experiências com as oficinas realizadas no CaVG evidenciaram como o fantoche pode ser um instrumento mediador de processos poéticos e sensíveis. Elegemos dinâmicas ancoradas na colaboração coletiva, na escuta e partilha das vivências tocantes e emocionadas durante a enchente de maio de 2024, assim como das memórias e histórias de toda uma vida.

Os estudos de Paulo Freire e Bell Hooks fundamentam a prática pautada no diálogo horizontal, que compreende o contexto, as experiências e a história dos sujeitos, para ampliar percepções de si e de mundo. Essas premissas foram declaradas, já no primeiro encontro com o grupo: “Não trouxemos nada para vocês, viemos para ouvir, receber e compartilhar”.

Essa abertura contribuiu para a construção de um espaço de acolhimento reconhecimento e interação. Os encontros priorizaram a escuta das histórias, nem todas relacionadas às enchentes. Mas de tempo em tempo voltavam a falar sobre o quão difícil foi sair de casa e todo o panorama complexo da situação. Fomos introduzindo os fantoches, como personagens para as histórias, onde cada um foi manipulando, explorando a voz e interagindo com os outros.

No segundo encontro, chegamos da mesma forma, colocando as cadeiras em roda e os materiais de costura no centro. Abrimos espaço para a confecção dos fantoches, propondo alguns modelos, tecidos, fios e diferentes materiais. Sabíamos que teríamos apenas mais um encontro, então nos dividimos por tarefas e afinidades. A maioria já sabia costurar, e cada um se apropriou de uma parte do fantoche: corpo, cabelo, olhos, braços etc. (Figuras 1 e 2).



Figuras 1 e 2 – Construção de fantoche. Fonte: Acervo da pesquisadora.

Incentivamos o trabalho coletivo, e cada um contribuiu com o que sabia e com suas habilidades. Esse processo de criação foi acompanhado de muitas histórias pessoais, algumas fantásticas, como as de pescaria, já que vários dos participantes eram pescadores. Outras histórias eram sobre o folclore, relatos de pais e avós, enquanto nos sentávamos para costurar, afloravam as memórias, ouvíamos esses relatos que se materializaram em forma de fantoches.

Na experiência com as oficinas propomos formação estética e educação do sensível baseada na escuta do outro, propondo o reconhecimento de si nas vulnerabilidades que são de todos. Incentivamos o grupo a trabalhar coletivamente, interagindo na construção dos fantoches e das histórias.

Cada encontro partiu do mesmo princípio de sensibilidade e escuta. No nosso último encontro, compartilhamos exercícios teatrais baseados na escuta, no olhar e na percepção do corpo e do espaço. Depois, continuamos a confecção dos fantoches, dando os últimos detalhes e passando para a parte da dramatização, improvisação e jogo de expressão. E novamente a viagem aconteceu pelas memórias de cada um.

Como resultado, tivemos dois fantoches: um pescador e uma menina. Passamos a realizar exercícios de improvisação, buscando a voz e as características das personagens. A experiência contribuiu para que o grupo se expressasse com liberdade, ativando imaginários e processos criativos. O fantoche tornou-se um objeto carregado de memórias, concretizando o trabalho coletivo que envolveu a todos.

Reconhecemos as potencialidades do fantoche como um instrumento mediador, facilitador de processos de comunicação e expressão. Por meio dos fantoches surgiram narrativas pessoais relacionadas ao passado de cada um. As águas da enchente parece ter inundado os seres e suas subjetividades, fazendo transbordar memórias e histórias pessoais (Figura 3).



Figura 3 – Oficina ateliê de fantoche
Fonte: Acervo da pesquisadora.

4. CONCLUSÕES

A oficina constituiu uma proposta educativa aberta, que instaura diálogos para ativar compreensões de si e dos contextos. Seguimos a orientação pedagógica que reafirma o fantoche como possibilidade de encontro, que incentiva a tolerância e o respeito, conforme nos lembra Albiach (2013). Em nosso caso, o fantoche permitiu mediar sobre temas complexos, como a calamidade climática e o impacto sobre as vidas das pessoas refugiadas no abrigo.

Experimentamos criar e improvisar em encontros marcados pela interação, pelas histórias compartilhadas. Foi gratificante estar com o grupo e vivenciar esses momentos de fantasia que abrem espaço para outras percepções.

A partir das vivências nas oficinas, percebemos como os fantoches e os jogos teatrais ajudaram no desenvolvimento de valores como a empatia, escuta e sensibilidade com os outros. A experiência acolheu a todos, abrindo um espaço de expressão poética para refletir sobre uma realidade drástica, revelando a potência da arte para restaurar o bem-estar emocional e social, condições necessárias para que as pessoas refugiadas possam vislumbrar um amanhã (Figura 4).



Figura 4 – Oficina ateliê de fantoche
Fonte: Acervo da pesquisadora.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBIACH, Miguel Ángel. Los títeres: una herramienta para la escuela del siglo XXI. **Revista española de pedagogía**, Valencia, v.71, n.255, p.277-292, 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF, 2013.

SANTOS, Jeferson. A educação da sensibilidade e o ensino de artes: compreensões compósitas por uma educação implicada. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 23 n. 243, 2024.